



# **Boletim do Arquivo Histórico de Joinville**

---

**Vol. XVII, nº 29**

**3º trimestre de 2024**

**ISSN 14133434**

# Sumário

---

**Editorial..... 3**

**Educação e difusão cultural em arquivos**

*Por: Giane Maria de Souza*

**Arquivo Histórico: Algumas Histórias ..... 5**

Processos educacionais e culturais na nossa existência

*Por: Giane Maria de Souza*

**Pesquisadores e o AHJ ..... 8**

A fisionomia, o clima, os produtos naturais e cultivos da Colônia Dona Francisca

*Por: Brigitte Brandenburg, pesquisa e tradução*

**Educação Patrimonial..... 17**

**Memória do Boletim..... 26**

A pesquisa de Elly Herkenhoff

*Por: Apolinário Ternes*

**Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ ..... 27**

Entre repressões e resistências: memórias lesbianas no contexto da ditadura civil-militar brasileira e redemocratização (1968-1988)

*Por: Camila Diane da Silva*

**Atendimentos no Arquivo Histórico ..... 28**

**Difusão Científica ..... 31**

**Por dentro do acervo ..... 38**

**Aconteceu em Joinville ..... 39**

**Expediente ..... 40**

# Editorial

## Educação e difusão cultural em arquivos

Giane Maria de Souza [1]

Todo processo educativo em arquivos é um mecanismo de difusão cultural. Portanto, não há como dissociar atividades educativas de ações difusivas. Todos os acessos ao acervo documental do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) - sejam pesquisas, atendimentos educativos ou visitas técnicas - são processos de educação patrimonial, conseqüentemente de difusão cultural. A educação e a difusão fazem parte do mesmo movimento formativo e comunicativo de apreensão e fruição cultural. Quando abordamos o conceito de educação e difusão, sob a perspectiva do conceito de arquivos, compreendemos que a produção e a disseminação das informações existentes nos documentos arquivísticos fazem parte das políticas públicas de acesso à informação e à cidadania. Até porque a principal função de um arquivo, enquanto instituição pública, é tornar acessível os documentos públicos e promover a sua divulgação. Contudo todo esse processo é formativo, e neste caso, também educativo.

Os arquivos são compostos de um conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, seja pública ou privada, seja por pessoa ou família, no desempenho de suas atividades. Independentemente da natureza do suporte, material, onde são gravadas as informações, eles podem ser de papel, filme ou plataforma digital. Os arquivos são instituições ou serviços que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico como conservação e preservação dos documentos. O Boletim do AHJ é um instrumento de informação/educação, de acesso à produção intelectual e difusão do acervo.

Nesta edição, na seção “Arquivo Histórico: Algumas histórias”, apresentamos um artigo de Giane Maria de Souza intitulado “Processos educacionais e culturais na nossa existência”. Em “Pesquisadores e o AHJ”, publica-se a tradução de Brigitte Brandenburg denominada “A fisionomia, o clima, os produtos naturais e cultivos da Colônia Dona Francisca” de Carl Pabst. Na seção “Memória do Boletim” publicamos um texto de Apolinário Ternes, de 1987, intitulado “A pesquisa de Elly Herkenhoff”. Trata-se da produção intelectual da autora junto ao acervo do AHJ. Na seção “Teses e Dissertações de pesquisadores do AHJ” publicamos o resumo da tese da nossa ex-colega de Secult, Camila Diane da Silva, intitulada “Entre repressões e resistências: memórias lesbianas no contexto da ditadura civil-militar brasileira e redemocratização (1968-1988)”. O trabalho foi defendido no Programa de Pós-Graduação em História pela UFSC, em 2023. Na seção “Atendimentos no Arquivo Histórico” apresentamos dados dos consulentes, incluindo os dos pesquisadores e das instituições escolares. Na seção “Difusão Cultural” apresenta-se imagens de alguns eventos e ações promovidas em parceria com o AHJ. Nas seções “Por dentro do acervo” e “Aconteceu em Joinville” divulgam-se imagens da cidade: uma de uma edificação que compõe o acervo do AHJ e outra veiculada pelo Jornal A Gazeta de Florianópolis noticiando o expansionismo do movimento integralista em Santa Catarina. Este jornal está no acervo salvaguardado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em síntese, o Boletim do penúltimo trimestre de 2024 demonstra que o AHJ segue as diretrizes internacionais e nacionais das políticas arquivísticas, trabalhando nos processos educativos, na pesquisa, na difusão e na promoção da cidadania e do acesso à informação.

Boa leitura!

---

[1] Especialista Cultural - Secult, Doutora em História pela IUFSC.

# Arquivo Histórico: Algumas Histórias

---

# Processos educacionais e culturais na nossa existência



Dra. Giane Maria de Souza [1]

A etimologia da palavra Educação origina-se do latim educere, que significa transcender o conhecimento para além da infância, tornando o processo educativo uma prática existencial coordenada e organizada pelas instituições escolares. Portanto, a Educação é um processo imprescindível para a formação do ser humano. Já a etimologia da palavra Cultura vem do latim colere, que significa cultivar e está vinculado aos sentidos do cultivo da terra/ambiente.

Comumente, as pessoas confundem cultura com instituições culturais, entretanto o ser humano adquire e transmite cultura no seu contexto social ao cultivar costumes sociais e éticos, hábitos alimentares e comportamentais, práticas e filosofias religiosas, linguagens e territórios. A cultura é um conjunto de símbolos e práticas sociais inerentes ao nosso meio social, logo, é apreendida e transmitida também por normas e condutas morais, religiosas e sociais.

Dessa forma, o processo educativo e cultural é efetivamente uma prática existencial, fundamental para a constituição identitária do ser humano. Por isso, não deve ser dissociado e estratificado em compartimentos estanques, mas, sim, ser compreendido como um movimento vivo e dinâmico. Ademais, o processo educacional e cultural habilita e qualifica as potencialidades do trabalho físico e cognitivo do ser humano no convívio em sociedade, mesmo para aqueles que nunca estiveram em um teatro ou banco escolar.

---

[1] Especialista Cultural pela Secretaria de Cultura e Turismo (Secult) e Doutora em História pela UFSC.

É preciso refletirmos sobre a complexidade da existência humana e a importância da formação educacional e cultural das pessoas para além das escolas e dos equipamentos culturais. Porque a educação e a cultura são processos contínuos de aprendizagem e apreensão da realidade e, então, ultrapassam a formalidade dessas instituições. Desde o nascimento até a morte, o ser humano segue em contínuo processo de aprendizagem educacional e cultural. Somos constituídos de distintos saberes e fazeres que extrapolam o conhecimento científico legitimado.

O processo educativo e cultural está imbricado no cotidiano humano em múltiplos espaços sociais, seja na família, igreja, trabalho, museus, cinemas, arquivos, teatros ou em qualquer espaço de sociabilidade onde exista interação social com outro ser humano e sua produção laborativa/intelectual.

A educação é vinculada às instituições de ensino consagradas, como escolas e universidades, assim como a cultura é associada a museus, bibliotecas, teatros e liceus. Além da educação formal da instituição escolar, é preciso compreender que os processos educativos também são informais, porém, cruciais para a qualificação do repertório cultural da nossa formação humana e social. A educação informal nutre o conhecimento intelectual e a experiência laborativa, e nos fornece infinitas possibilidades de leitura.

É importante compreender que a transmissão de conhecimentos e a produção das experiências humanas não são exclusividades das escolas e das universidades, tampouco o conhecimento pode estar restrito ao saber cientificamente elaborado e reproduzido.

Nesse sentido, em todas as instituições culturais existe um processo de mediação educativa, tanto pela experiência do público, com o que é exposto ou exibido, quanto pela fruição e contemplação dos espaços e das informações acessadas por meio desses espaços. Nas instituições culturais, por conseguinte, existe um processo de mediação cultural permeado por intercâmbios culturais, seja pelo conhecimento ensinado, vivenciado, problematizado, refletido e apreendido, seja pelo convívio social proporcionado pelo espaço escolar. Portanto, não há como dissociar educação e cultura dos processos de aprendizagem humana, bem como não é possível restringir a educação às instituições escolares e a cultura aos espaços culturais. Os processos culturais e educacionais fazem parte da nossa essência e existência e emolduram a formação da nossa identidade enquanto seres únicos, complexos e diversos.

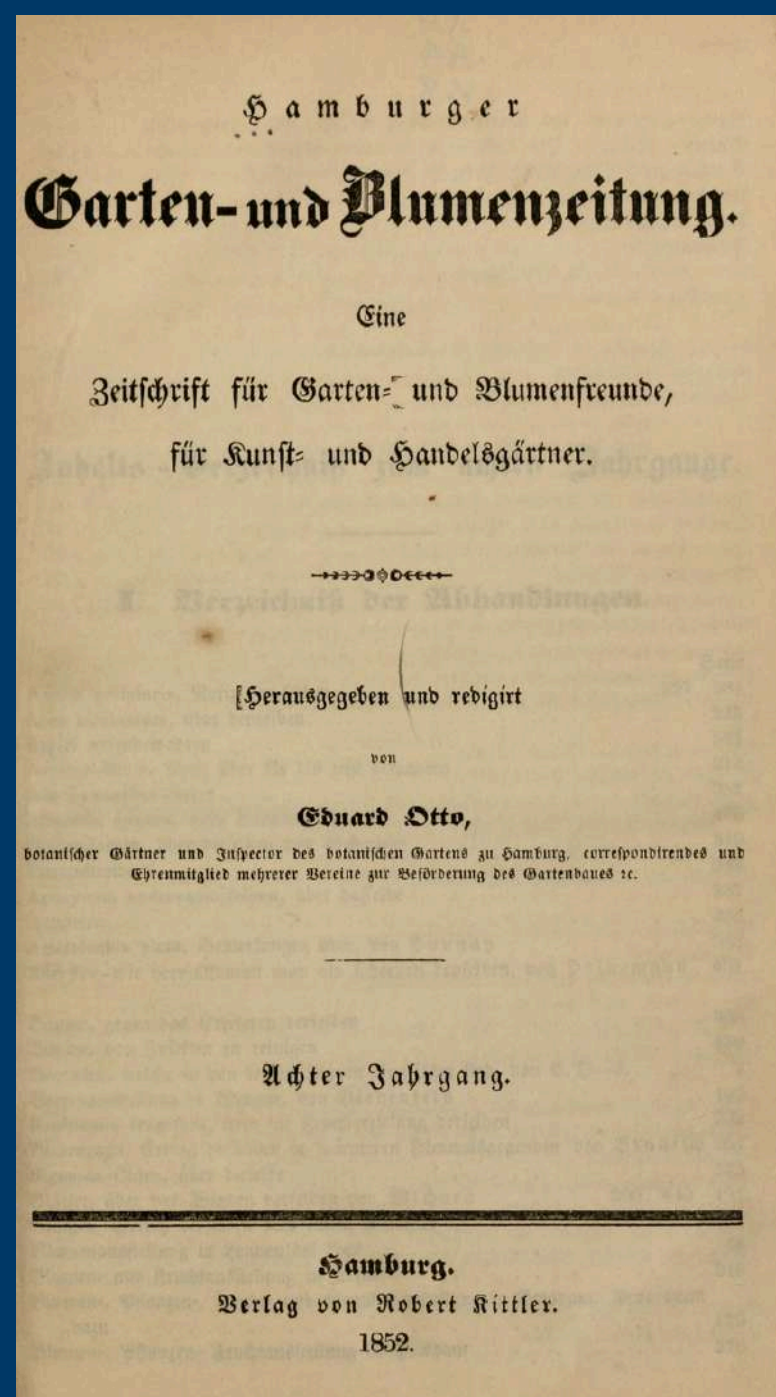


Fonte: Giane Maria de Souza

# Pesquisadores e o AHJ

---





Fonte: Capa geral

## A fisionomia, o clima, os produtos naturais e cultivos da Colônia Dona Francisca

**Carl Pabst - 31/07/1852**  
***Traduzido por Brigitte Brandenburg***

Texto publicado em "Hamburger Garten und Blumenzeitung"-Eduard Otto Ed. (Inspector de Botanischen Gartens zu Hamburg- Zwölftes Heft, Achter Jahrgang – 1852. Capítulo 12, Ano 8 verlag Robert Kittler. Esse material possui três partes em 1852 e 1853. Portanto continuaremos nas outras edições do Boletim. Nota da Tradução.



Nesta apresentação pretendo retratar a situação da Colônia relativa à fisionomia, clima, produtos naturais e cultivos. Quando se navega o Rio Cachoeira, acima, a partir da foz do rio Bucarein, observa-se à direita uma sequência a que denomina-se “os morros da Cachoeira”, que estendem-se de NW e SE, quase NS, e em alguns locais elevam-se diretamente a partir do Rio Cachoeira, e entre estes, ocorrem pequenas planícies ao longo do rio, estas que em alguns locais permanecem abaixo d’água em grandes enchentes.

O Cachoeira torna-se cada vez mais estreito até a vila de “Schrödersort”, onde apresenta uma largura de 11 a 13 metros de largura. O leito do rio é frequentemente coberto de pequenas pedras roladas, sendo que nas proximidades da Vila as pedras apresentam-se em forma de blocos maiores, o que torna a navegação, especialmente em maré baixa, bastante difícil e que impossibilita a passagem de botes e canoas de maior porte. O leito torna-se ainda mais pedregoso e raso acima de “Schrödersort”, apesar de sua vazão ainda se estender daqui, de 14,6 a 1645 metros acima.

A margem direita do Cachoeira estende-se em um vale relativamente amplo, até o Rio Bucarein, onde se alarga. Em “Schödersort” ele sempre tem a largura de 3,7 a 548 metros de largura, até o local onde começam as primeiras elevações (morros), de forma que a região da vila localiza-se em local plano. De lá, onde o Rio Matthias desemboca no Rio Cachoeira, até a região onde se

inicia o Caminho do Meio, o terreno eleva-se de 2,13 a 2,45 metros de altura. A maior enchente no período de luas cheia e nova, alcança distâncias de 110 a 132 metros a partir da margem, o que aqui, em área de pastagem, torna-se útil, mas é drenada rapidamente. Esta água excedente é apenas localizada ao longo da margem e bastante insignificante, de forma a tornar o embarque possível.

Ainda em “Schrödersort”, ao Norte, o terreno eleva-se um pouco, de 3 a 4,5 metros de altitude e forma então uma planície verdadeira (que aqui, na expressão da língua local, denomina-se Taboleiro) com uma aparência geológica particular muito interessante. Abaixo da superfície destes taboleiros, que se constituem de uma massa arenosa branca e solta, de meio palmo, (11 cm), encontra-se uma camada dura de restos decompostos de vegetação, e uma segunda camada arenosa que se fixa tão fortemente através de um cimento de aspecto de silte, que apenas com o auxílio de uma picareta é possível atravessá-la. Estas duras camadas de areia abaixo da superfície chamamos de “Pissura”; às vezes ocorrem com mais frequência nas proximidades dos vales dos rios, entre o Cachoeira e o Bucarein (Boqueirão). Devido a estas particularidades, toda a planície, quase até o Ribeirão do Morro Alto, raramente é bem seca, com exceção desta última, onde permanece a floresta. Então, o terreno, com esta camada dura, impossibilita a absorção rápida da água da chuva e a pequena declividade dificulta a drenagem, de forma que esta localidade fica mais úmida; no entanto, ultimamente, o desmatamento da floresta e a abertura de valas tenha amenizado este problema.

Esta é a situação da planície em “Schrödersort” e – devido ao desmatamento da floresta nas terras adjacentes ocorrer apenas aos poucos – realmente um pouco úmida, como todas as planícies, que apenas recentemente haviam estado cobertas de mata fechada, mas não encharcadas ou banhadas. (Eu não posso deixar de protestar contra a afirmação de um dos moradores, cuja carta foi publicada no Jornal de emigração “Hansa”, que recentemente li, de que “Schrödersort” seja região de banhado. A expressão banhado ou encharcado é bem diferente de úmido; úmido o foi – em outubro de 1851 – mas apenas denominado assim, pois uma grande parte da região havia sido recentemente desmatada e ainda não havia sido queimada. Qualquer pessoa que tenha tido aqui experiência deve reconhecer que planícies cobertas com mata fechada, são sempre úmidas e encharcadas, e que apenas após a queima da madeira e depois, com a abertura de valas para permitir a drenagem das águas, o solo torna-se seco, e é assim que deve concluir o escritor daquelas linhas; diversas valas para todas as direções tomam as águas da chuva e as drenam para fora do terreno. A quantidade destas naturalmente é ampliada sucessivamente, a terra é cada vez mais cultivada, e assim teremos o local tão seco como uma planície pode ser).

Em direção ao Sul, onde se encontra a olaria dos noruegueses, o terreno eleva-se rapidamente; dali, até o Cachoeira, existe um trecho plano a curta distância que, em relação à margem do rio, é tão alta que jamais a maior enchente poderá alcançar (morro da igreja católica). A partir da olaria em direção ao Sul, corre um ótimo córrego – em torno de 330 a 440 metros de distância – denominado Ribeirão Jaguaru (Jaguarão), cuja vazão constitui-se o dobro da do Rio Matthias, que se estende de SW a NE, e desemboca no Rio Cachoeira, aproximadamente na metade da distância entre o local onde desemboca o Rio Bucarein e o local da “Vila de Schröder”. Aqui teria sido o primeiro local a se instalar a cidade, no início. Sobre isso, como também a respeito da região da cidade projetada, pretendo discutir no próximo artigo.

A partir do Rio Jaguaru (Jaguarão), em direção Leste, a região é plana, tendo apenas algumas elevações – Taboleiros – que existem até o Rio Cachoeira e o Rio Bucarein. Próximo da fronteira Sul da Colonia, na direção EW (Leste-Oeste), a região torna-se ondulada, podendo ser alcançada atravessando-se diversos morros; e ao longo dos já citados Rios, em direção Oeste, encontram-se morros atrás de morros.

O manejo e situação destas elevações para a agricultura não é das melhores que se possa esperar; não há platôs ou encostas expostas ao Sul, adequados para os cultivos que nos Subtrópicos são exigidos para os cultivos devido a melhores condições de exposição à radiação solar, e que na exposição Sul, no inverno, praticamente não ocorrem, ou apenas em parte, em áreas mais altas dos terrenos. São, como já foi colocado, elevações em formato de ondas, não superiores a 91 a 122 metros de altura, que formam entre si sucessivos vales e fundos, dentro dos quais encontram-se os leitos de diversos riachos e córregos, que irrigam tão bem as terras adjacentes, de forma que quase todos, mesmo que não o tenham em seu lote, mesmo em sua proximidade tem acesso a melhor água potável.

Assim, por exemplo, percorrendo-se o Caminho do Meio, em um trecho de 4.400 metros encontram-se 8 rios e córregos, que apresentam água corrente; no "Caminho Mathias" (rua alemã) ao longo de 2.640 metros, encontram-se 6 rios; na "estrada Caroline" (S. Marcos), ao longo de 770 metros encontram-se 2; na estrada Guiger, ao longo de 4.400 metros, encontram-se 8, e na estrada do Norte, ao longo de 6.160 metros, encontram-se de 9 a 10 rios.

O terreno montanhoso é interrompido a Oeste, através de um caudaloso rio, o Ribeirão das Águas Vermelhas, que se inicia provavelmente no morro da Tromba, a NW, até S e SE e corre através da Lagoa Bonita até o Rio Pirahy Piranga.

Este córrego, no entanto, estende-se através de uma baixada, que se inicia na fronteira Norte, de onde provavelmente se origina, em direção S, alargando-se sucessivamente ao longo desta extensão. Este sim, é o tão propalada banhado, do qual tanto se fala. [Bairro Escolinha e arredores?].

Eu pretendo descrevê-lo, até onde eu puder acessá-lo, e penso que suas fronteiras, especialmente ao Sul, em breve eu as possa conhecer melhor, assim que conseguirmos abrir uma picada de demarcação e avaliação na região. No local onde o Caminho do Meio o alcança, ele não deve ter mais do que 660 a 880 metros de largura. O terreno torna-se sempre mais encharcado à medida que se aproxima do rio; a floresta torna-se mais composta por vegetação mais baixa e densa, através da qual um caçador a atravessa com muita dificuldade e perigo. O solo torna-se cada vez mais encharcado; a vegetação destes locais compõem-se de pequenos grupos; as raízes dos arbustos partem do tronco ou caule em arcos sobre o terreno, e se cobrem de uma variedade de pseudoparasitas, como Bromeliaceas, Aroideas, etc., de forma que o pé do caminhante imprevidente facilmente se prende ou tropeça, e se afunda em profundidades variáveis em terra mole. Entre estes grupos de arbustos eventualmente há locais vazios, que ficam submersos em épocas de chuvas incessantes. Estes apresentam uma lama escurecida os quais atravessa-se facilmente uma vara com 2,2 metros de comprimento e frequentemente podem alcançar maiores profundidades.

Esta região pantanosa, a partir do final da Estrada do Meio, em direção NW, torna-se cada vez mais estreita, e é cortada por vários córregos e rios menores, os quais desembocam no Ribeirão das Águas Vermelhas. No início, próximo da fronteira Norte, onde situa-se o Morro das Águas Vermelhas, ocorre o trecho mais estreito. Aqui, na base Oeste do morro, estende-se o citado rio e sua margem oposta é bastante plana, com aproximadamente 330 a 440 metros de largura, sendo que em grandes enchentes a vazão ultrapassa suas margens. É ali o local onde se poderia construir uma estrada com trabalho e preparo adequado e com relativa facilidade.

Em direção ao Sul, onde ainda não tive oportunidade de pesquisar, provavelmente o banhado deve ser bem mais largo e mais fundo, penso que seja no local onde o Rio Piraí-Piranga e a Lagoa Bonita se encontram para nele desembocar. Esta região ainda não foi alcançada, e sobre a qual não posso ainda tecer melhores considerações.

A origem do caráter alagável desta região reside também na drenagem dos rios citados e no acúmulo das águas que derivam dos morros adjacentes, que escorrem na planície, e, quase sempre através desta, mesmo quando pouco incrementado em volume, não pode comportar a vazão da entrada de todas as águas. Para os cultivos ainda se pode aproveitar uma parte desta baixada, por exemplo para arroz e pastagem, principalmente para o gado. das, podem proporcionar uma melhor sustentação.

A intenção de construir uma estrada, no entanto, como uma continuação do Caminho do Meio, - sem um preparo anterior adequado - considero impossível no momento, devido aos nossos recursos, principalmente à grande demanda de força de trabalho necessária para um trabalho muito difícil, que requer muito tempo e às expensas de muito dinheiro. No momento, seria melhor optar por uma passagem ao Norte [2] do que uma travessia no alto do Caminho do Meio.

O terreno, que se estende além do descrito acima, é relativamente plano, mas seco, até o pé da serra; quando se obtém uma vista através de uma clareira na floresta, de um local mais elevado, pode-se observar pequenas elevações suaves. Ao Norte e praticamente fora da fronteira da Colônia, a região torna-se montanhosa devido a base dos Morros da Tromba, local onde ocorrem muitos rios, alguns caudalosos, com areia ou pedra, ou seixo rolado, alguns com quedas acentuadas, muito interessantes para a construção de moinhos; assim são o Ribeirão das Botucas, dos Serrotes, das Aratacas, da Onça, da Figueira, etc, e ainda vários outros, que na minha primeira expedição ainda não tinham nome.

---

[2] Texto que aborda provavelmente a Estrada Suíça

O Rio Pirahy-Piranga, que à altura do meio da extensão N-S da Colônia, tem a largura de cerca de 66 metros, ainda é possível de transpor, e suas águas correm sobre pedras. A linda paisagem que se pode alcançar de seu vale e das suaves elevações até o pé da Serra envolvida em nuvens, se assemelha melhor ao Jura na Suíça [Jurapé?], e encanta o caminhante pela beleza da natureza, que chega até aqui após longo caminho na semi-escuridão da densa floresta tropical. Claro que não pretendo me iludir com as belas paisagens e natureza exóticas em detrimento da real prioridade em favor do futuro de nossa agricultura e da nossa indústria, para os quais devo orientar as minhas observações. É nisto que reside a melhor esperança, exatamente nesta parte da Colônia [Annaburg].

A planície, interrompida alternadamente por terras agricultáveis, estendendo-se do Rio Piraí até a Serra, é um panorama em perspectiva, após anos – quando for possível e quando todo um trabalho preparatório puder ser realizado – para a vantagem do uso do arado; lá encontra-se a melhor irrigação, os córregos com as águas mais cristalinas e do melhor gosto possível, alguns com força hidráulica, que se encorpam com a altura das montanhas; a deslumbrante floresta virgem, como eu nunca havia visto em outro lugar, possui as melhores madeiras úteis em abundância de riqueza, e com exemplares de grande diâmetro e do melhor desenvolvimento. Este é sempre um sinal da qualidade do solo, como recentemente se tem observado. Ele se constitui de um “húmus” marrom claro, com uma fina mistura de uma areia muito fina em leve quantidade.

Para além da nossa fronteira Sul, apenas recentemente tive a oportunidade de avaliar do alto, do final da Estrada Guiger para o Sul, em torno de uma légua de distância. É como a região do Ribeirão das Águas Vermelhas e o Rio Cachoeira, uma sucessão de morros, alguns mais suaves outros mais íngremes; os vales às vezes encharcados, às vezes secos, e apresentando o já comentado alagamento. O comentário dos nativos, a partir de todas as vozes da sabedoria popular, é de que o terreno se atravessa “dando-se um jeito”.

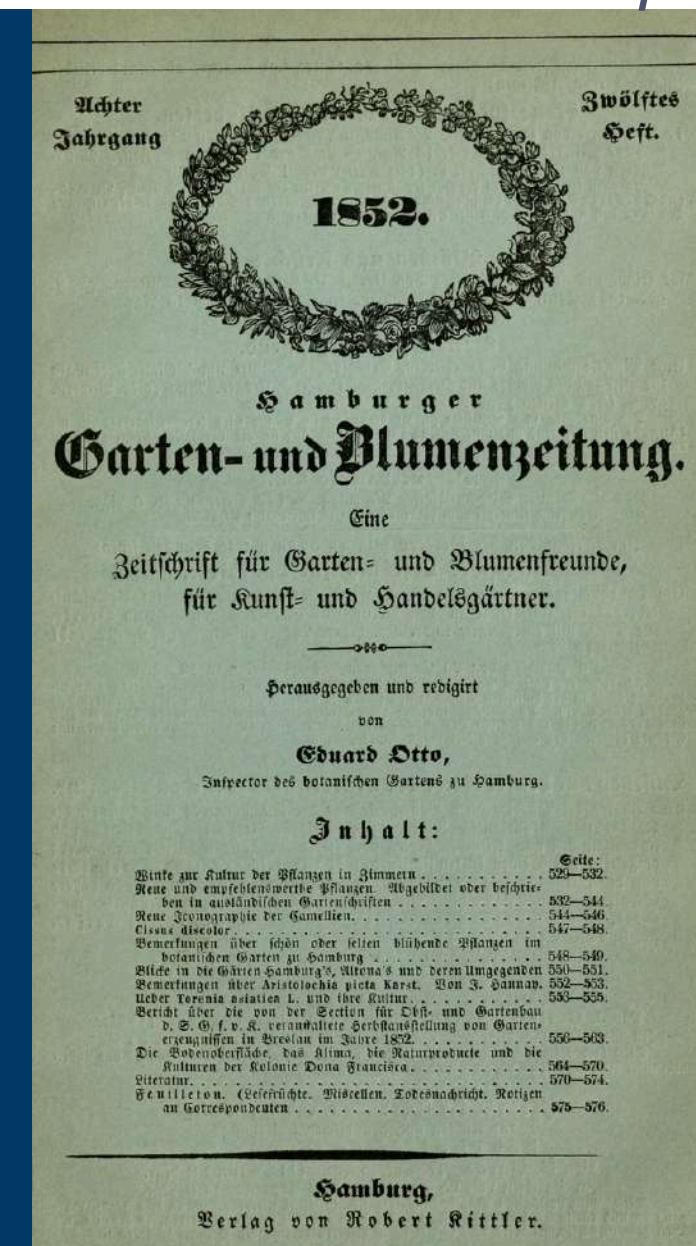
Recentemente fiz coletas de solo em todas as regiões e farei uma breve exposição das diferentes qualidades do solo nas localidades avaliadas, de forma a selecionar os produtos naturais existentes e as culturas a serem estabelecidas. Este tema complexo não é possível de se discutir de forma superficial nesta breve apreciação. Eu penso que no seguimento deste, devo voltar frequentemente ao assunto, de forma a completar a falta de informações.

A Bacia do Rio Cachoeira possui um solo rico e extraordinário, geralmente uma argila concentrada, mais comumente branca ou bem escura, na superfície um húmus de cor marrom bem escura; com a mistura dos dois têm-se a melhor terra de aluvião. Esta é oriunda dos locais mais profundos e mais encharcados; a superfície é mole, e à profundidade de 114 a 230 cm encontra-se terra arenosa marinha. Aqui encontra-se uma associação de palmeiras (*Fucum-Asrocarium vulgare* Mart.), que produz plântulas, enleadas de trepadeiras e, abaixo destas misturam-se capoeiras e *Andaya* (*Attalea compacta* Mart.).

As árvores restantes são poucas em quantidade e diâmetro. Muito comum é a “Capororoca” de diversos tipos, que fornece um bom material para tintas; também encontra-se frequência de Ipê, uma madeira bem dura; “Urucurana” e “Camara”, madeiras para embarcações; também Canelinha, Figueira, “Massaranduva”, “Mia-bissuma”, “Mia-gadirão-guassu”, são espécies que ocorrem em maiores ou menores frequências. Estes solos também são cobertos por arbustos característicos de mangue, nas margens de áreas afetadas pela maré, mas apenas ali, onde a água é salgada, próximo da sua desembocadura. A partir das folhas destes arbustos, além de suas pontas, se obtém um material excepcional para tinturaria.

Estes solos, com exceção dos locais onde cresce o arbusto de mangue, servem para cultivo de arroz, seguido de pastagem, especialmente para criação de gado.

A terra marrom, especialmente onde há aptidão, onde a água da chuva é drenada, é coberta por uma grande quantidade de madeiras úteis; a floresta alta é mais frequente, a madeira de extrato inferior menos frequente do que nos locais anteriores. A terra apresenta-se adequada para quase todos os cultivos, principalmente cana-de-açúcar, milho, arroz, e também para feijão, batata e algodão, e pouco para mandioca; e é a melhor terra para horticultura.



Fonte: “Hamburger Garten und Blumenzeitung”-Eduard Otto Ed. (Inspector de Botanischen Gartens zu Hamburg- Zwölftes Heft, Achter Jahrgang – 1852. Capítulo 12, Ano 8 verlag Robert Kittler.

**Sugestão de pesquisa : Que tal refletir sobre esta tradução e tentar descrever a geografia do bairro onde você mora?**

Die Bodenoberfläche, das Klima, die Naturproducte und die Kulturen der Kolonie Dona Francisca.

Von C. Pabst.\*)

Schrödersort (Dona Francisca), den 31. Juli 1852.

„Im folgenden gedrängten Abriss will ich ein anschauliches Bild der Verhältnisse der Kolonie in Bezug auf Bodenoberfläche, Klima, Naturproducte und Kulturen zu skizziren versuchen.“

„Wenn man den Rio Caroeira von der Mündung des Bucarein an aufwärts fährt, so erblickt man auf der rechten Seite einen Hügelzug — „Morros\*\*“ do Caroeira — welcher N.W. und S.D. fast N.E. streicht und an einzelnen Stellen unmittelbar vom Caroeira aufsteigt, bisweilen auch eine kleine Niederung vor sich zum Flusse hin hat, die dann auch stellenweise bei hoher Fluth unter Wasser gesetzt wird. Der Caroeira selbst wird hier immer enger bis zu Schrödersort, wo er etwa die Breite von 5—6 braças\*\*\*) hat. Unterhalb desselben ist das Bett oft mit zertrümmerten Steinen bedeckt, die besonders in unmittelbarer Nähe des Ortes zu größeren Blöcken werden, welche die Flussfahrt besonders bei der Ebbe sehr erschweren und die mit Booten und größeren Canoes zuweilen gänzlich unterbrechen. Noch mehr feinig

\*) Herr C. Pabst, gebürtig aus Halle a/S., lebt bereits seit einer längeren Reihe von Jahren in Brasilien und ist seit Frühjahr 1851 als Gehülfe des Directors der Kolonie Dona Francisca, insbesondere als Ingenieur für die auf Kosten des Colonisations-Vereins von 1849 in Hamburg zu machenden Wegebauten beschäftigt. Wie der oben mitgetheilte Bericht beweist, hat Herr Pabst nicht allein die Gelegenheit zur Untersuchung der natürlichen Beschaffenheit des Koloniegebietes insbesondere der Geeignetheit desselben für die verschiedenen Pflanzenkulturen, welche ihm seine Beschäftigung für den genannten Verein darbot, in anerkannter Weise benutzt, sondern er theilt auch die vollkommene Befähigung, ein richtiges Urtheil darüber abzugeben. D. Red.

\*\*) Morro, der Hügel.  
\*\*\*) 1 braça — ca. 6 1/2 preuß. Fuß.

und flacher ist das Bett den Fluss von Schrödersort aufwärts, trotzdem steigt aber die Fluth immer noch in ihm von hier aus 8 bis 900 braças hinauf. Das rechte Ufer des Caroeira dehnt sich in ein ziemlich breites Thal aus nach dem Bucarein hin sich erweiternd. Bei Schrödersort hat es immer die Breite von 2 bis 300 braças bis dahin, wo die ersten hügeligen Erhebungen anfangen, so daß das Gebiet des Ortes eben liegt. Von da an, wo der Matthiasbach in den Caroeira läuft bis wo der Ackerdistrikt in der Gegend des Mittelweges anfängt, erhebt sich der Boden etwa 7—8 Fuß, die höchste Fluth bei Volls und Neumond tritt dann höchstens 50 bis 60 braças weit vom Ufer in Vertiefungen auf das Land, welches hier zu Weideland benützt wird, läuft aber schnell wieder ab. Dieser Zutritt des Stauwassers ist nur stellenweise, längs dem Ufer abwärts und zu unbedeutend, um eine Eindeichung nöthig zu machen.“

„Noch in Schrödersort nach Norden hin erhebt sich der Boden etwa um 10 bis 15 Fuß und bildet dann aber eine totale Ebene (solche Erhebungen werden in der Landessprache Taboleiros genannt) mit einer eigenthümlich geognostisch interessanten Erscheinung. Es befindet sich nämlich unter der Oberfläche, welche aus einer fudicken losen weißen Sandschicht besteht, aus der eine 1/2 palmos\*) dicke Schicht aus verwesten Resten von Vegetabilien entstanden, eine zweite Sandschicht, welche durch ein thoniges Bindemittel so fest und spröde geworden ist, daß nur mit Hülfe der Pickart es möglich ist einzubringen. (Solche harte Sandschichten unter der Oberfläche nennt man Pissura; sie wiederholen sich mehrmals in der Ebene des Flußthales zwischen dem Caroeira und Bucarein). In Folge dieser Eigenschaft nun ist die ganze Fläche fast bis zum Ribeirão do morro alto selten ganz trocken, wenigstens da, wo noch Urwald steht, denn da der steinharte Untergrund eine schnelle Aufsaugung des Regenwassers verhindert und die geringe Neigung der Oberfläche den Abfluß sehr erschwert, muß diese Localität schon nach neuerer Zeit hat dieses Uebel sehr vermindert.“

„So ist die Situation von Schrödersort eben und — da der Urwald des dazu gehörigen Landes noch nicht ganz und bis in neuester Zeit auch nur nach und nach gefällt ist — zwar etwas feucht, wie alle Ebenen, welche erst kurz zuvor mit altergrauem Urwalde bedeckt waren, doch nicht naß und sumpfig. (Ich kann bei dieser Gelegenheit nicht unterlassen, gegen den Ausspruch eines hiesigen Bewohners, dessen Brief in dem Auswanderungsblatt „Hansa“ publicirt ist, und mir so eben zur Ansicht vorliegt: daß Schrödersort sumpfig sei, zu protestiren. Der Begriff sumpfig oder Sumpf ist ein ganz anderer als feucht; feucht konnte es damals — im October 1851 — aber nur genannt werden; denn ein großer Theil des Landes war erst kurz zuvor vom Wald entblößt und dieser noch nicht gebrannt. Jedermann aber, welcher hierin Erfahrung gemacht hat, muß gesehen, daß Ebenen mit dichtem Wald bedeckt, immer feucht und naß sind, und erst, nachdem das Holz verbrannt und dadurch, daß nöthige Gräben dem Wasser

\*) 1 palmo = 1/6 braça oder ca. 7 preuß. Zoll.

einen Abzug gestatten, wird der Boden trocken, und so wird es der Schreiber jener Zeiten gegenwärtig finden, denn verschiedene Gräben nach allen Richtungen nehmen das Regenwasser auf und leiten es ab; die Zahl derselben wird natürlich immer vermehrt, der Boden wird mehr kultivirt, und so werden wir den Ort bald so trocken haben wie eine Ebene nur sein kann.)“

„Nach Süden hin, da wo die Ziegelei der Norweger liegt, erhebt sich der Boden schneller, von dieser aus nach dem Caroeira zu befindet sich eine kurze ebene Strecke, welche an dessen Ufer selbst so hoch ist, daß nie, selbst die höchste Fluth hinaufdringt. Von der Ziegelei aus nach Süden, fließt ein recht schöner Bach — etwa 150—200 braças von ihr — Ribeirão Jaguara genannt, welcher die doppelte Menge Wasser des Matthiasbaches enthält, von S.W. nach N.D. fließt, und etwa in der Mitte zwischen der Mündung des Bucarein und Schrödersort in den Caroeira mündet. Hier wäre allerdings die erste Anlage der Stadt am vortheilhaftesten gewesen. Ueber dieses, so wie über das Gebiet der projectirten Stadt will ich in meinem Nächsten ausführlicher sein.“

„Vom Ribeirão Jaguara aus nach Osten ist das Land eben, und nur einzelne kleine Erhebungen — Taboleiros — sind anzutreffen bis zum Caroeira und Bucarein. Nahe der südlichen Grenze in der Richtung von D.W. wird das Land schon hügeliger, und ist durchgängig so über diese hinaus; und längst dem oben genannten Bache nach W. reicht sich ebenfalls Hügel an Hügel.“

„Die Gestaltung und Situation dieses Hügellandes ist für die Kultur nicht besser zu wünschen; es sind hier keine ausgedehnten Hügelzüge, an welchen der südliche Abfall für den Anbau so gut wie verloren ist, denn selbst in den Subtropen verlangen die Kulturpflanzen die wärmenden Sonnenstrahlen, die aber an den südlichen Abhängen, vorzüglich im Winter fast gar nicht oder doch nur theilweise auf die Oberfläche des Bodens fallen. Es sind, wie schon gesagt, wellenförmige Erhebungen, nicht höher als 3—400', die fortwährend kleine Thäler und Vertiefungen zwischen sich lassen, in welchen der Grund zu den zahlreichen kleinen Bächen und Wasserläufen liegt, welche das Land so schön bewässern, daß fast ein Jeder, wenn nicht auf seinem Grundbesitze, so doch in der unmittelbaren Nähe das beste Trinkwasser hat. So durchschneiden z. B. den Mittelweg auf eine Erstreckung von 2000 braças 8 Bäche und Wasserläufe, die stets fließendes Wasser besitzen; die Matthiasstraße auf 1200 braças deren 6, die Carolinenstraße auf 350 braças deren 2, die Guiquerstraße auf etwa 2000 braças deren 8 und die Nordstraße auf circa 2800 braças deren 9 bis 10.“

„Das Hügelland wird im Westen unterbrochen durch einen wasserreichen Bach, Ribeirão das aguas vermelhas, welcher von N.W. wahrscheinlich von morros da Tromba kommend, nach S. und S.D. durch die Lagona bonita (der schöne See) in den Rio Pirahy Piranga fließt. Dieser Bach nun läuft durch die Niederung, welche sich von der Nordgrenze der Kolonie an, wo sie ungefähr anfängt, nach S. zu immer mehr verbreitet. Diese ist der vielerschwante Sumpf, von dem so viel gefabelt wurde. Ich will ihn, so weit ich ihn betreten habe, beschreiben, und denke seine Grenzen, besonders im Süden, in kurzem besser kennen

zu lernen, da auch nach dorthin einige Picaden (Waldwege) zur Vermessung und Untersuchung geschlagen werden sollen. Da wo der Mittelweg in ihm mündet, mag er nicht breiter als 3—400 braças sein. Anfangs ist es Lehmboden mit dem diesem entsprechenden Walde. Das Land wird aber, je näher nach dem Bache, immer nasser; der Hochwald wird zu sehr verwachsen von Gebüsch, durch welche ein Zäger nur mühsam dringen kann. Der Boden wird immer weicher; die solchen Localitäten eigene Vegetation sondert sich in kleine Gruppen; die Wurzeln der Sträucher treten von der Stammbasis aus in Bogen über den Boden, und bedecken sich mit den zahlreichen Pseudoparasiten wie Bromeliaceen, Aroideen etc., so daß der Fuß des unvorsichtigen Wanderers leicht, festen Boden wahnend, durchbricht, und in den weichen Boden mehr oder weniger tief einsinkt. Zwischen diesen Strauchgruppen nun sind immer pflanzenleere Stellen, welche bei anhaltendem Regen Pfützen sind. Sie enthalten schwarzen Moder, in welchen man mit Leichtigkeit einen Stock von 10' Länge und oft noch tiefer einsenken kann.“

„Dieses sumpfige Land nun wird vom Ende des Mittelweges nach N.W. immer schmaler, und ist von einigen kleinen Bächen und Wasserläufen durchschnitten, welche in den Ribeirão das aguas vermelhas fließen. Erst in der Nähe der Kolonie-Nordgrenze, da wo der Morro das aguas vermelhas liegt, ist der schmalste Theil. Hier am westlichen Fuße des Hügels fließt genannter Bach, und dessen gegenüberliegendes Ufer ist zwar flach, auf etwa 150—200 braças, und bei starken Anschwellungen tritt auch wohl der Bach aus seinen Ufern, doch ist dort bei gendhender Vorarbeit mit Leichtigkeit eine gute Straße zu machen.“

„Nach Süden zu, wo ich das Land bisher noch nicht zu untersuchen Gelegenheit hatte, soll dieser Sumpf, besonders nach der Ecke zu, welche vom Rio Pirahy Piranga und der Mündung der Lagona bonita in denselben gebildet wird, breiter und grundloser sein. Diese Gegend ist aber noch fast gar nicht betreten, und auf die Aussagen darüber nicht sehr viel Gewicht zu legen.“

„Die Ursache der nassen Beschaffenheit dieses Landes liegen also in dem Austreten genannten Baches und dem Zubrange des Wassers von den dasselbe begrenzenden Hügeln, welches in der Ebene und oft durch die, wenn auch nur wenig erhöhte, Uferfassung nicht abfließen kann. — Zur Kultur kann noch ein Theil dieser Niederung benützt werden, z. B. für Reis und Weideland, besonders für Rindvieh, und selbst der weiche Moorboden, wenn er erst mit Gras bewachsen ist, wird genügende Festigkeit erlangen. Einen Weg aber machen zu wollen, z. B. in der Fortsetzung des Mittelweges, — ohne zuvor genügende Vorarbeiten gemacht zu haben — halte ich bei unsern jetzigen Hilfsmitteln, besonders wegen Mangel an brauchbaren Arbeitskräften für dergleichen beschwerliche Arbeiten, zu sehr zeit- und geldraubend, und ein Umgehen im Norden für besser als ein Durchgehen in der Höhe des Mittelweges.“

„Das Land jenseits des eben beschriebenen ist bis an den Fuß der Serra fast eben, aber trocken; nur kleine sanfte Erhebungen erblickt man, wenn von einem erhöhten Standpunkte aus durch eine Lücke im Urwalde eine Aussicht erlaubt ist. Erst im Norden und fast außerhalb der Koloniegrenze wird es bergiger durch die Ausläufer des Morros da Tromba. Viele und zum Theil recht wasserreiche Bäche mit Sand-

oder Stein- oder Grasgrund, einige mit starkem Gefälle, zum Treiben von Mühlen benutzbar, durchschneiden es; so sind die Ribeirão das Batucas, das Serrotas, das Aratacas, da Duca, da Figueira etc., und noch eine Menge anderer, welche bei meiner ersten Untersuchung noch keinen Namen hatten.

Der Rio Pirahy Piranga, der etwa in der Mitte der N. S. Ausdehnung der Kolonie die Breite von ca. 30 braças hat, ist hier noch zu durchwaten, und läuft über Steine. Die herrlichste Aussicht über die sich noch weithin ziehende Aue und das nur sanft ansteigende Land, bis zum Fuße der mit Wolken belegten Serra, die am besten mit der Jura der Schweiz zu vergleichen, entzückt den Wanderer, welcher hier nach langem Weg im Halbdunkel des riesigen Urwaldes von den Naturschönheiten geblendet ist. Doch will ich nicht blenden mit schönen Fernsichten und grotesken Naturschönheiten, auf die vollen Vorzüge in Beziehung auf die Zukunft unseres Ackerbaues und unserer Industrie mag mein erstes Augenmerk gerichtet sein, und gerade in Bezug hierauf ist die schönste Hoffnung gerade auf diesen Theil der Kolonie begründet.

Die fast ebene, nur hin und wieder sanft abgedachte Bodenoberfläche die so über den Rio Pirahy fast bis zur Serra hinreicht, stellt in Aussicht, nach Jahren — wenn es nothwendig wird und die genügenden Vorarbeiten gemacht sind — den Pflug mit Vortheil anzuwenden; es findet sich die schönste Bewässerung, die Bäche mit dem klarsten und wohlgeschmecktesten Wasser, einige mit Triebkraft, welche sich nach dem Gebirge zu verstärkt; der herrlichste Urwald, wie ich ihn nicht häufig an anderen Orten gesehen habe, enthält die besten Nuzhölzer in reicher Zahl, und in Exemplaren vom größten Umfange und schönster Ausbildung. Dieses ist nun immer ein Zeichen der Vortreflichkeit des Bodens, als eben dieser ist, gesehen. Er besteht aus einem hellbraunen Letten mit einer, seine Fruchtbarkeit bedingenden Mischung von feinkörnigem Sande in passendem Verhältnis.

Ueber unsere südliche Koloniegrenze hinaus habe ich das Land nur erst untersuchen können in der Höhe des Endes der Guiquerstraße nach Süden etwa eine legoa weit. Es ist wie das Land zwischen dem Ribeirão das aguas vermelhas und Rio Caroeira. Hügel reiht sich an Hügel, bald sanfter, bald steiler; die Thäler bald naß, bald trocken, und mit der schon früher beschriebenen Bewässerung. Die Aussagen der Eingebornen, wie alle Kennzeichen im Allgemeinen stimmen darin überein, daß das Land durchgehends so beschaffen ist.

Habe ich nun so einen Abriss der Bodenoberfläche im Allgemeinen gegeben, so will ich dieser eine übersichtliche Zusammenstellung der verschiedenen Qualitäten des Bodens in den erwähnten Localitäten, dann die Naturproducte und der darauf zu machenden Kulturen hinzufügen. Den Gegenstand erschöpfend kann natürlich diese briefliche Mittheilung, die an sich sehr flüchtig geschieht, nicht sein, ich denke aber in der Folge noch oft darauf zurückzukommen, und das Fehlende nachholen zu können.

Das Flußthal des Rio Caroeira besitzt vorzüglich fetten Letten, oft fetten Thon, der weißlich, in der Regel aber grauschwarz, an der Oberfläche durch den Humus dunkelbrauner gefärbt ist; nimmt letzterer zu, so entsteht der schönste Marschboden. Dieses sind die tiefsten und

und nassen Stellen; die Oberfläche ist weich, und in der Tiefe von 5—10 palmos ist Sandseegrund. Hier findet man einen dichten Untersatz mit zahlreichen Stechpalmen (*Ficum — Astrocarium vulgare* Mart.), welcher Flachß liefert, verwoben mit Schlingpflanzen. Der Groß des Waldes besteht in der Regel aus Palmitos Issara (*Euterpe oleracea* Mart.), unter die sich Copueiros und Andaya (*Attalea compacta* Mart.) mischen. Die übrigen Bäume sind geringer an Zahl und Umfang. Sehr häufig ist Caporodeca in mehreren Arten, dessen Rinde ein gutes Gerbmateriale liefert; dann findet sich häufig Ipé, sehr hartes Holz; Urucurana und Camara, Schiffsbaumholz; ferner Canellinho, Figueira, Massarantuba, Mia-bissuma (?), Mia-gadirão-guassu (?), sind in größerer und geringerer Zahl anzutreffen. Dieser Boden hat nun an niedrigen, von der Fluth unter Wasser gesetzten Ufern, aber nur da, wo das Wasser salzig ist, also den Fluß abwärts in der Nähe seiner Mündung die eigenthümlichen und charakteristischen Mangulgebüsch. Von ihnen geben die Blätter und die jungen Spitzen der Zweige ein vortreffliches Gerbmateriale. — Dieser Boden, mit Ausnahme da wo Mangulbüsch stehen, eignet sich nur zum Reisbau und darauf folgend zu Weideland, besonders gut für Rindvieh.

Der braune Letten, vorzüglich da wo Neigung ist, so daß Regenwasser nicht stehen bleibt, ernährt schon eine größere Zahl von Nuzhölzern; der Hochwald ist bedeutend, das Unterholz weniger dicht als in der vorerwähnten Lokalität. Der Boden eignet sich für fast alle Kulturen, besonders aber für Zuckerrohr, Mais, Reis, dann auch für Bohnen, Kartoffeln und Baumwolle, weniger für Mandioca; und ist das schönste Gartenland. Der an der Oberfläche sich befindende Wurzelfilz — *capitheiro* — ist hier nicht so stark, so daß auch die erste Pflanzung nach dem Waldbrande weniger mühsam ist.

Zwischen diesen Bodenarten finden sich mehr oder weniger ausgedehnte Lager eines oft recht weißen, bisweilen grobkörnigen Sandes, der sich mehr als eine Anschwemmung vom Lande, als aus der See her darstellt. Der Hochwald hat hier eine geringere Zahl von Nuzhölzern, weniger Palmitos und Unterholz, aber an dessen Stelle Heerden von üppigen Pflanzen aus der Familie der Bromeliaceen. Ananasartige Pflanzen, *Gueratta* genannt. Dieser Boden hat immer einen enorm starken Wurzelfilz auf seiner Oberfläche, der oft über dieselbe erhoben, und deshalb elastisch ist; man tritt beim Gehen darauf leicht durch. Solche Verticilliten verlangen nach dem Waldbrande immer die größten Mühen, wenn man das Land nicht eine Zeit lang unkultivirt liegen lassen will, um dem Wurzelgewebe Zeit zu geben, zur Verwesung zu kommen. Geschieht das nicht, so muß dieses Gewebe durchbrochen werden, um den Samen oder die Pflänzlinge in den festen Boden bringen zu können. Hier gedeiht nun am schönsten die Mandioca, Amendoyn (Erdnuß) und Baumwolle; nur schlecht Bohnen und Mais; gut angebracht würde aber Ricinus sein, welcher in derartigen Boden nicht zu kräftig wachsen kann. Tritt man aus dem Flußthale in das hügelige Land, so findet man auch hier wieder den Boden sehr verschieden in der Mischung seiner Bestandtheile. Einige Hügel, besonders sanft ansteigende, haben bei ihren Thonthellen eine starke Sandmischung; solcher Boden ist weniger lange tragfähig. (Auf die Mischungsverhält-

nisse des Sandes kommt sehr viel an, überhaupt spielt die physikalische Eigenschaft des Bodens in der Kultur eine eben so wichtige Rolle hier als in der gemäßigten Zone, nur ist das Verhalten zu dem Pflanzenwachsthum ein anderes. Während z. B. die Kartoffel in der gemäßigten Zone im sandigen Boden am besten gedeiht, ist derselbe Boden in den Tropen und Subtropen der schlechteste für sie.)

An andern Orten ist der Letten fett, bisweilen roth gefärbt, dieser hält sich vermöge seiner Eigenschaft, bald sehr hart zu werden, auch nicht so lange fruchtbar. Oben an steht immer ein braungefärbter Lettenboden mit der passenden feinkörnigen Sandmischung.

Die Grundlage der Erhebungen ist fast durchgängig Granit und Sienit, welche an einzelnen Stellen in losen Blöcken zu Tage treten. Die Vertiefungen und kleinen Thäler enthalten sehr oft Ziegel- und Töpferthon.

(Fortsetzung folgt.)

## L i t e r a t u r.

**Bonplandia.** Zeitschrift für angewandte Botanik. Redacteur Berthold Seemann in New bei London. Verlag Carl Rümpler in Hannover.

Von Neujahr 1853 ab wird diese neue botanische Zeitung regelmäßig am 1. und 15. eines jeden Monats in einem Bogen hoch Quart erscheinen. Dieselbe wird dem praktischen Leben gewidmet sein. Alle Pflanzen, welche der menschlichen Gesellschaft nützlich oder schädlich sind, werden in den Bereich dieser Zeitschrift gehören. Den Hauptinhalt sollen Original-Abhandlungen über die neuesten Entdeckungen auf dem Gebiete der angewandten Botanik bilden, und werden die Medicin, die Pharmacie, die Drogenkunde, die Gärtnerei, die Forst- und Landwirthschaft und die mannigfachen Gewerbe Nutzen daraus schöpfen können. Reiseberichte, Abhandlungen über Pflanzengeographie und Original-correspondenzen aus allen Welttheilen sollen den universellen Charakter des Blattes aufrecht erhalten. Neuigkeiten will die Redaction so rasch mittheilen, als es deren vielfachen Verbindungen nur gestatten. Auszüge aus den Verhandlungen gelehrter Gesellschaften und Berichte über dieselben, so wie Biographien und Personalnotizen werden die Leser über alle Bewegungen in Kenntniß setzen, ebenso sollen Erscheinungen auf dem Gebiete der Literatur sogleich angezeigt und besprochen werden.





Fonte: Giane Maria de Souza

### Colégio Bonja

No dia 2 de julho de 2024, um total de 44 alunos do 7º ano do Colégio Bonja visitou o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Os estudantes foram conduzidos pela educadora Giane Maria de Souza. O objetivo da visita foi conhecer o AHJ enquanto um equipamento cultural, e, deste modo, acessar as informações históricas salvaguardadas na instituição. As professoras Adriana Evers e Geise Brandino organizaram e coordenaram a visita ao AHJ.



Fonte: Giane Maria de Souza





Fonte: Giane Maria de Souza





Fonte: Desenho do aluno Mateus

### Escola Jorge Lacerda

No dia 11 de julho de 2024, a escola estadual Jorge Lacerda visitou o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Os estudantes foram conduzidos na visita pelo historiador Rodrigo Boçoen e pelo coordenador Dilney Cunha e foram organizados e coordenados pela professora Ana Gabriela Cardoso. O total de 17 alunos vieram ao AHJ com o objetivo de conhecer o AHJ e pesquisar sobre o nazismo em Joinville.

### **Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Sesi**

No dia 26 de agosto de 2024, o total de 19 alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Sesi visitaram o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Os estudantes trabalhadores foram organizados e coordenados pela professora Marluce Ribeiro. A visita ao AHJ foi mediada pela historiadora Arselle Fontoura e pelo coordenador Dilney Cunha. O objetivo foi pesquisar sobre o trabalho e a industrialização; ademais os alunos fizeram uma visita guiada no acervo permanente do arquivo.



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville

## **Colégio Elias Moreira (CENEC)**

No dia 23 de setembro de 2024, o Colégio Elias Moreira (CENEC), com 40 alunos, visitou o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). A visita foi organizada e coordenada pela professora Elizangela da Maia. Naquele dia, os alunos também visitaram a Casa da Cultura e assistiram a um espetáculo do Pianístico. A visita foi mediada pela educadora Giane Maria de Souza e pela estagiária Gernilce Lima Bacelar. O objetivo da visita foi conhecer locais que fomentam a cultura, arte e memória de Joinville.



*Fonte: Roberto de Oliveria Nepom*

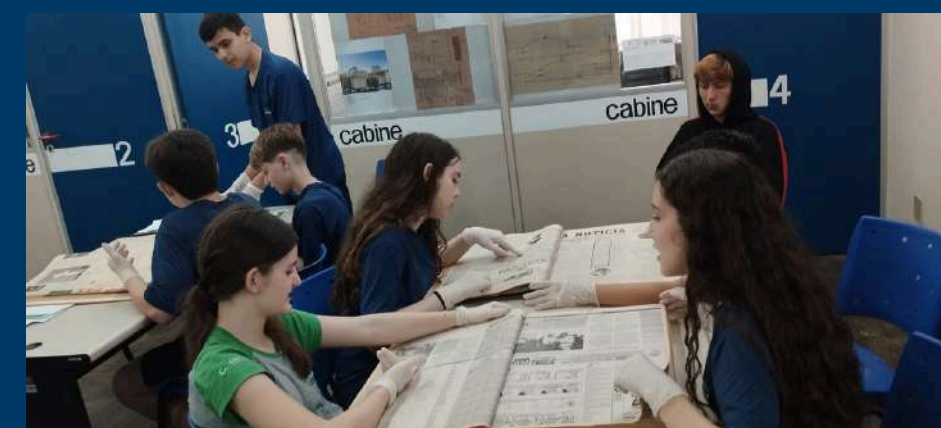
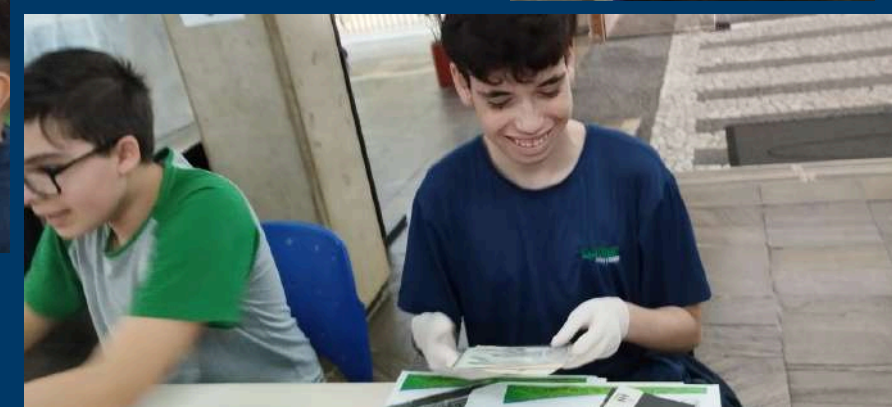


### Colégio Exathum

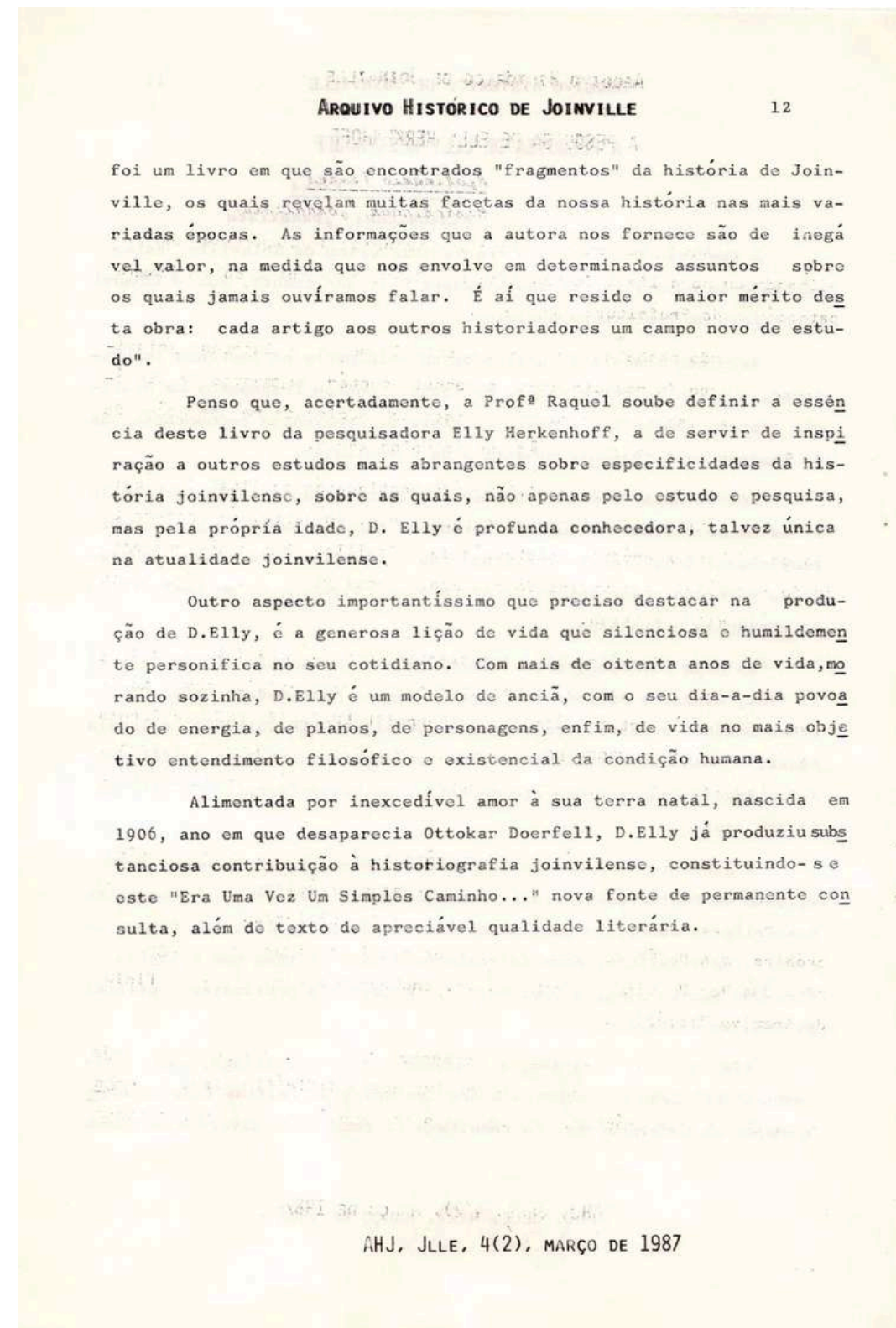
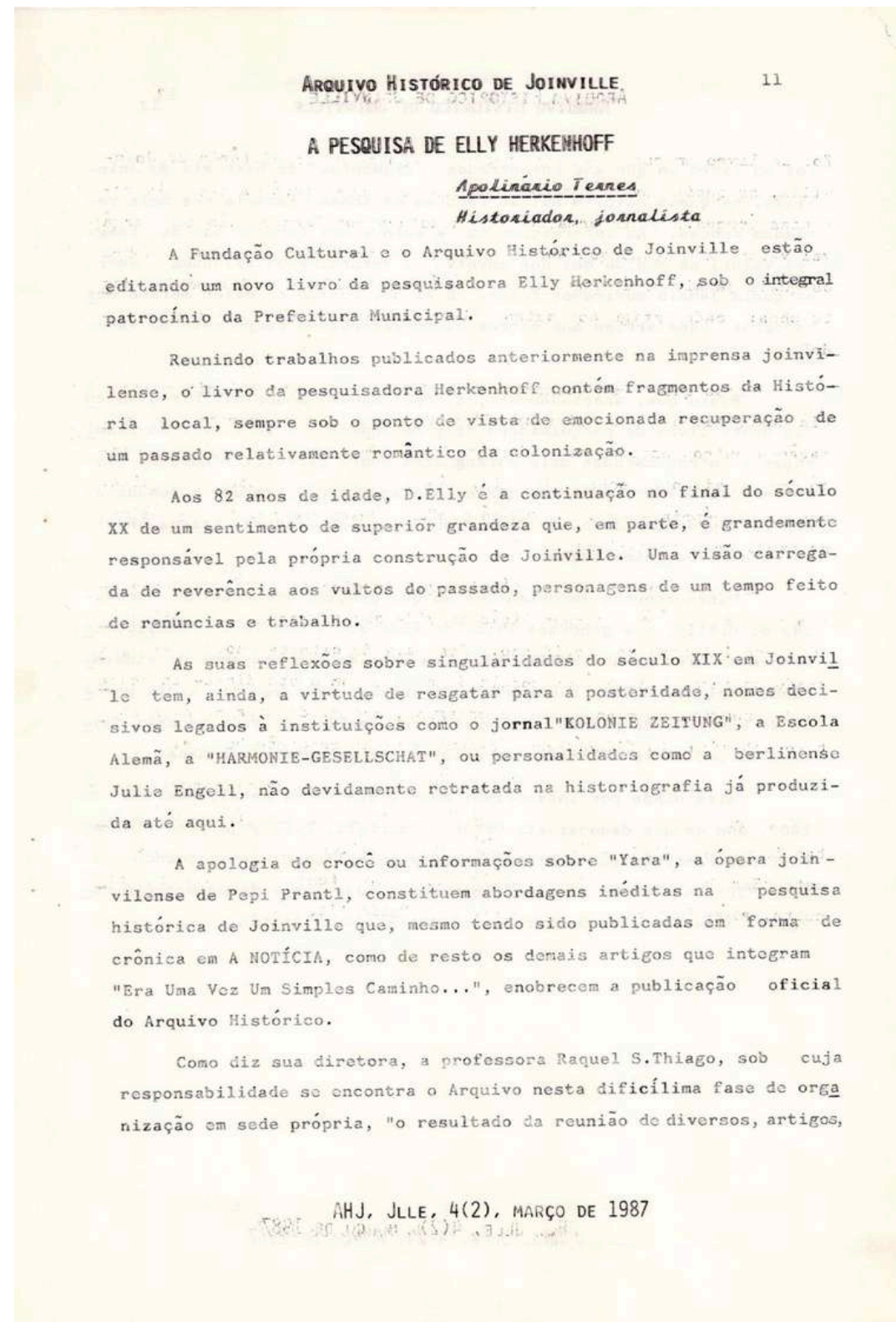
No dia 27 de setembro de 2024, o Colégio Exathum, com 48 alunos, visitou o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). A visita foi organizada e coordenada pelos professores Flávia Zanini e Rafael de Paula. A atividade educativa no AHJ foi mediada pela educadora Giane Maria de Souza e pela estagiária Gernilce Lima Bacelar. O objetivo da visita foi conhecer o AHJ e seu acervo.







Fonte: Giane Maria de Souza



Fonte: TERNES, Apolinário. **A pesquisa de Elly Herkenhoff**. Boletim do Arquivo Histórico de Joinville. n. 4, p. 11-12, mar. 1987.

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto da ditadura civil-militar brasileira para as mulheres que se interessavam e/ou se relacionavam romanticamente com outras mulheres, as condições que possibilitaram resistências, como a constituição do movimento lésbico - feminista brasileira, com destaque para o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF), e as relações dele com o Estado, as esquerdas e os movimentos homossexuais e feministas. Também visa a analisar como os documentos escritos, orais e imagéticos produzidos pelo movimento de lésbicas feministas reivindicaram e registraram a história e a memória lésbica. As análises são resultado de coleções de fontes como o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), a publicação feminista *Mulherio* (1981-1988) e o jornal e os boletins *Chanacomchana* (1981-1987), assim como entrevistas com mulheres lésbicas que viveram neste período, militantes dos movimentos feminista, lésbico-feminista ou homossexual. O recorte temporal da pesquisa (1968-1988) está relacionado ao momento em que as repressões se intensificaram através de medidas como o Ato Institucional nº 5, com transformações internacionais e nacionais que possibilitaram a emergência de movimentos de resistência, processos de abertura política, redemocratização e início da Nova República. No entanto, os registros de memória presentes nos documentos científicos, com destaque para as imagens, possibilitam deslocamentos para outras temporalidades. Ao selecionar imagens para as edições do *Chanacomchana*, as militantes do GALFram a história e a memória de lésbicas ao longo do tempo, como uma ação política em recuperar aquilo que tinha sido silenciado na escrita. As voluntárias de textos e imagens que compõem os boletins também demonstram o trabalho das militantes em registrar a história e a memória das lésbicas no seu presente, em tecer a história do GALF e em projetar imagens de si para o futuro. Para as análises, foram feitos diálogos com autores/as que desenvolveram estudos e teorias relacionadas à memória, como Le Goff (2013), Pollak (1989) e Jelin (2002); relações de poder, subjetividades e análise do discurso, como Foucault (1988; 1996); gênero, como Scott (1990; 1999); e pensamento lésbico, como Witting (1980), Rich (1981), Falquet (2012; 2013), Navarro-Swain (2004) e Lessa (2007).

Palavras-chave: Memórias; lesbianas; movimento lésbico-feminista; ditadura civilmilitar brasileira; redemocratização.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74785>

Entre repressões e resistências: memórias  
lesbianas no contexto da ditadura civil-militar  
brasileira e redemocratização (1968-1988)

Camila Diane da Silva



## RELATÓRIO DE ATENDIMENTO MENSAL JULHO DE 2024

Atendimento presencial	47
Atendimento por e-mail	64
Atendimento de grupos escolar e universitário	60
Atendimento visita guiada	00
Visitantes da exposição	00
Eventos e atividades culturais	00

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ENVIADOS

Fotos	199
Projetos	21 (182 imagens)

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ACESSADOS PRESENCIALMENTE

Jornais (edições)	7893
Títulos eleitoral	65
Clipagens	3045
Pastas de família	09
Álbuns de fotografias, rótulos e selos	35
Biblioteca de apoio	27
Coleções/Caixas com documentos	03
Mapas e plantas	01
Projetos arquitetônicos	01

Arquivo Histórico de Joinville, Av. Hermann August Lepper, 650 - 89221-005  
Contato: (47) 3422-2154  
www.joinville.sc.gov.br



## RELATÓRIO DE ATENDIMENTO MENSAL AGOSTO DE 2024

Atendimento presencial	89
Atendimento por e-mail	65
Atendimento de grupos escolar e universitário	19
Atendimento visita guiada	14
Visitantes da exposição	00
Eventos e atividades culturais	00

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ENVIADOS

Fotos	58
Projetos	45 (263 imagens)

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ACESSADOS PRESENCIALMENTE

Jornais (edições)	10.064
Títulos eleitoral	01
Clipagens	2.914
Pastas de família	11
Processos judiciais	03
Biblioteca de apoio	19
Coleções/Caixas com documentos	05
Mapas e plantas	01
Projetos arquitetônicos	11
Fundos públicos e privados	17
Fotografias	36
Periódicos	14
Entrevistas e transcrições	02
Cartazes e folders	41

Arquivo Histórico de Joinville, Av. Hermann August Lepper, 650 - 89221-005  
Contato: (47) 3422-2154  
www.joinville.sc.gov.br



## RELATÓRIO DE ATENDIMENTO MENSAL SETEMBRO DE 2024

Atendimento presencial	88
Atendimento por e-mail	41
Atendimento de grupos escolar e universitário	107
Atendimento visita guiada	00
Visitantes da exposição	00
Eventos e atividades culturais	19

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ENVIADOS

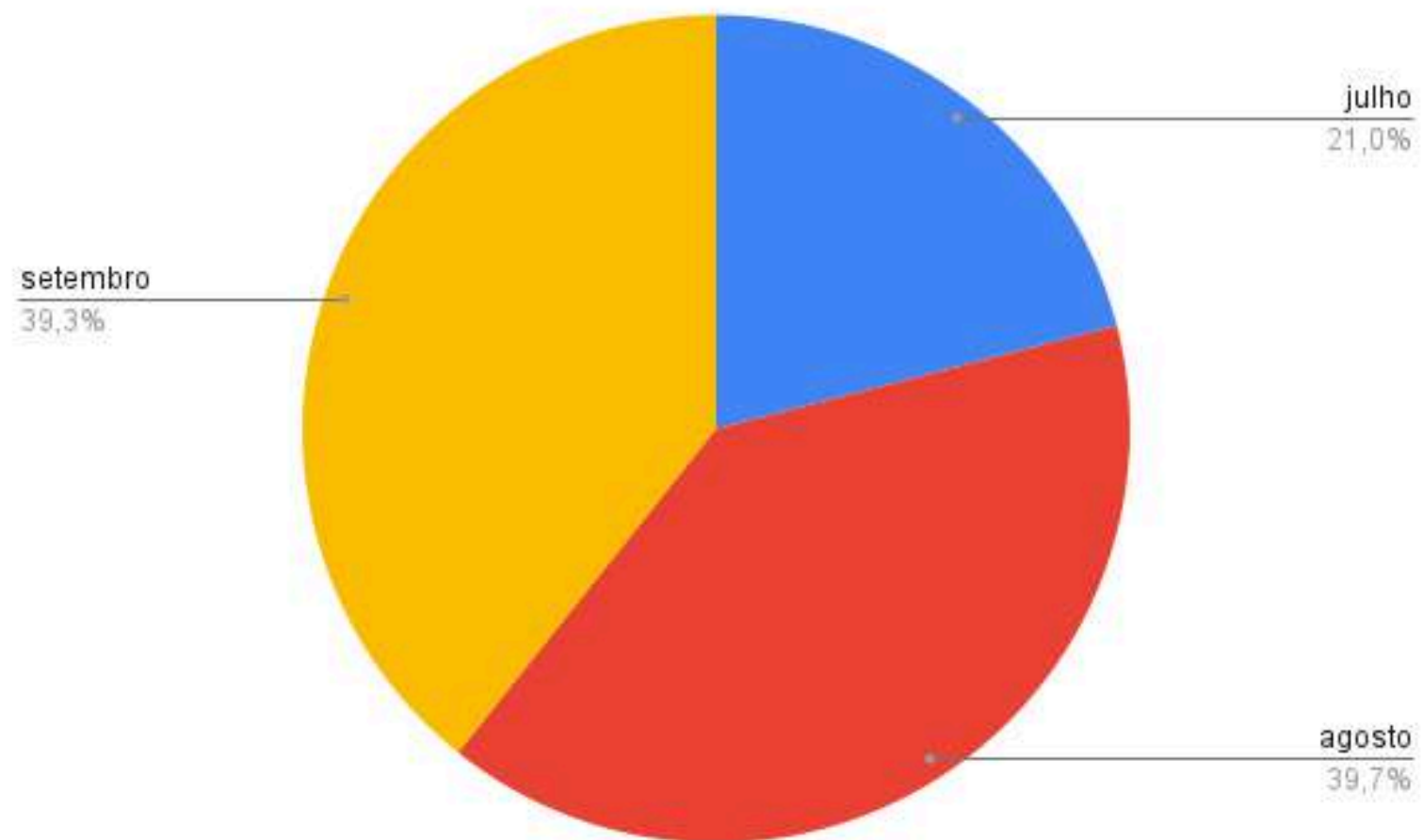
Fotos	80
Projetos	00

### RELAÇÃO DE DOCUMENTOS ACESSADOS PRESENCIALMENTE

Jornais (edições)	5331
Títulos eleitoral	71
Clipagens	3342
Pastas de família	01
Biblioteca de apoio	23
Coleções/Caixas com documentos	01
Mapas e plantas	14
Leis e decretos	100
Fundos públicos e privados	13
Fotografias	192
Periódicos	02
Microfilme	01
Desmembramentos	16
Livros do acervo	03

Arquivo Histórico de Joinville, Av. Hermann August Lepper, 650 - 89221-005  
Contato: (47) 3422-2154  
www.joinville.sc.gov.br

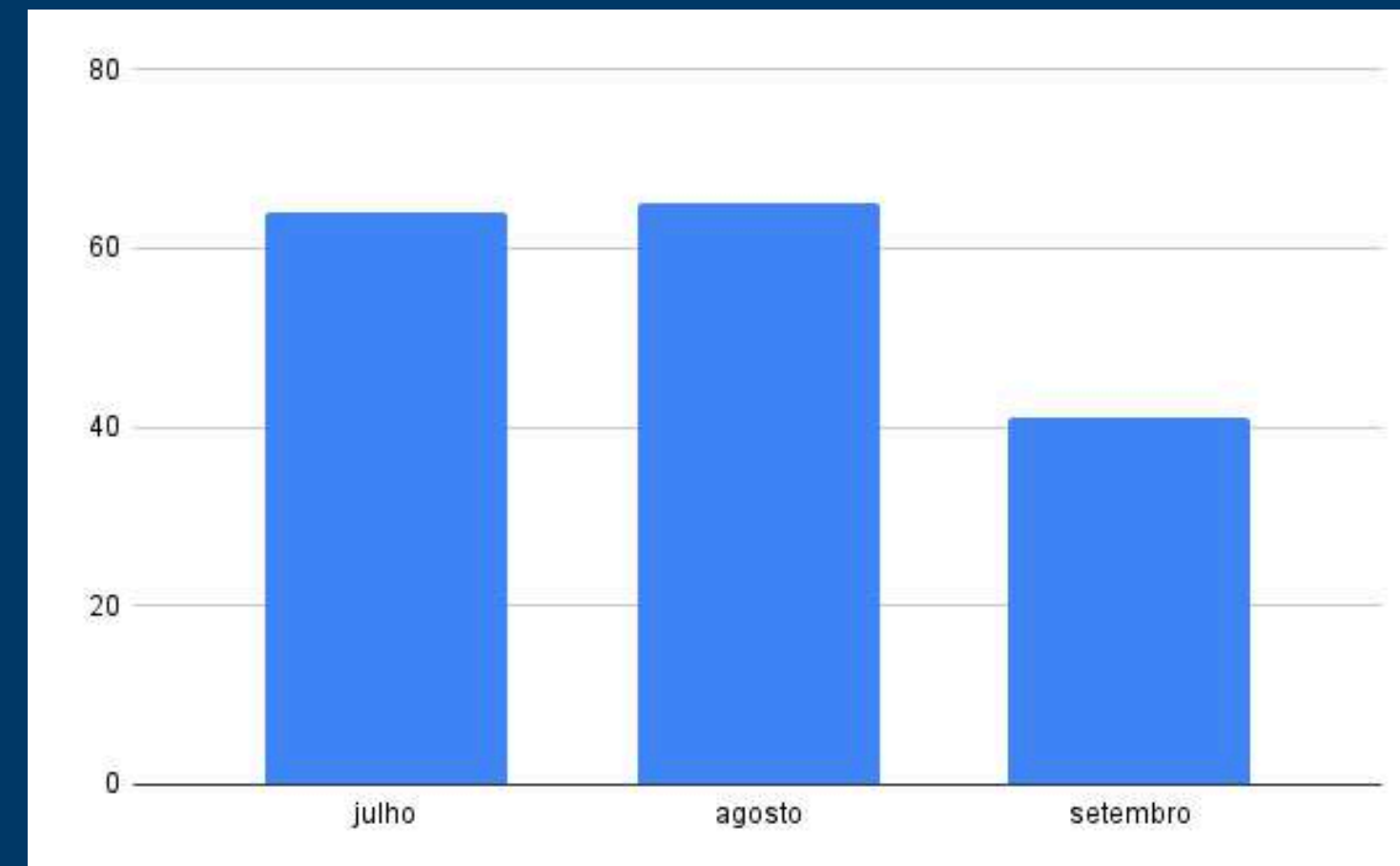
Fonte: Setor de atendimento do AHJ



Legenda

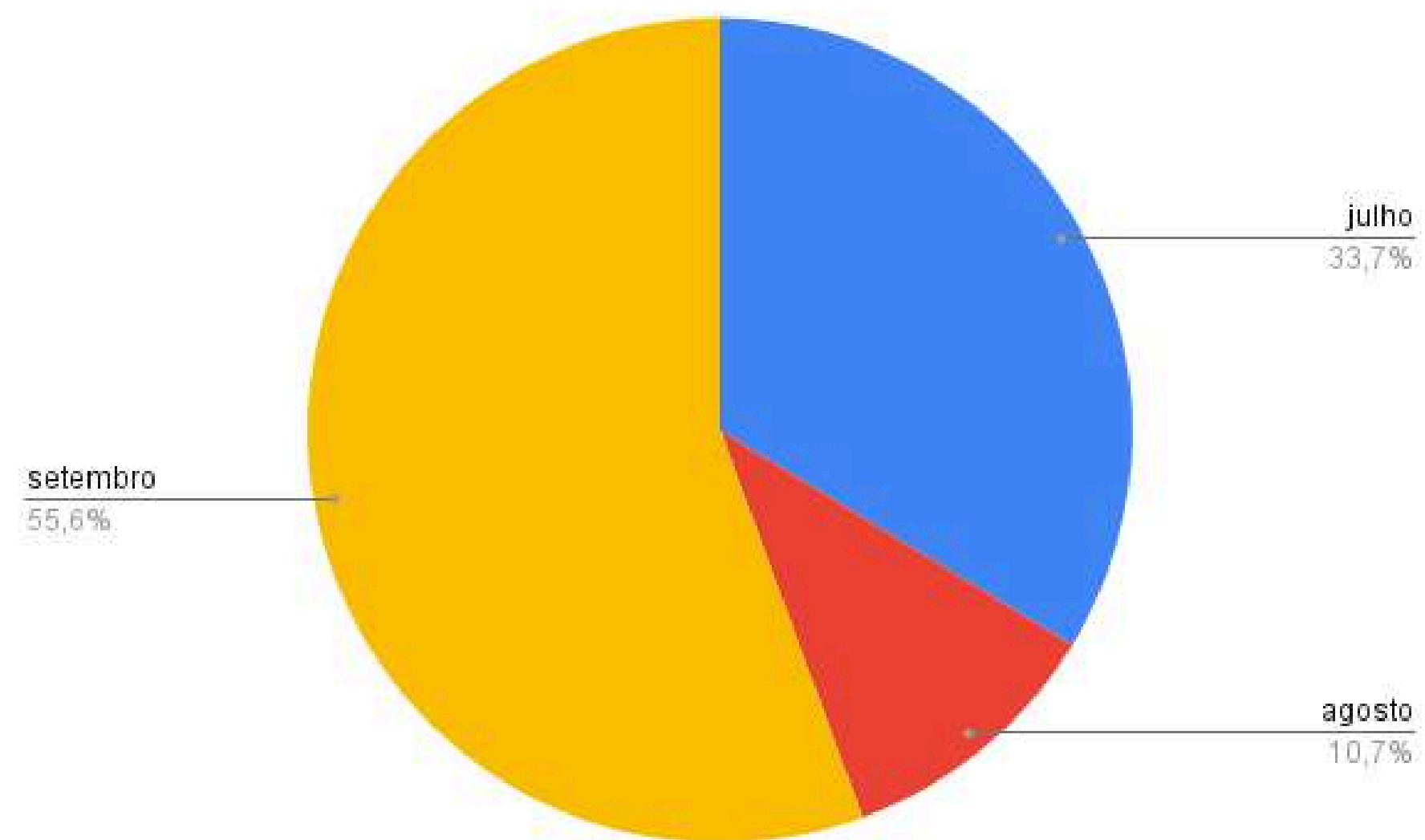
Julho: 47  
Agosto: 89  
Setembro: 88  
Total: 224

Fonte: Setor de atendimento do AHJ



Legenda

Julho: 64  
Agosto: 65  
Setembro: 41  
Total: 170



Legenda

Julho: 60  
Agosto: 19  
Setembro: 99  
Total: 168

**SEMINÁRIO PÚBLICO**  
**O ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE E A HISTÓRIA IMPERIAL DA COLÔNIA DONA FRANCISCA**

**PALESTRANTES**  
ARTHUR D'TAVOLLA SOUZA CAMPOS  
DAVI CESCHIN DA SILVA  
GABRIELA RIEGEL CISZ  
GIOVANNA FRANCIELE GUIMARÃES  
IAN PALMEIRO REBULI  
JULIA STOLF CIPRIANO  
MARLON MARCELO SOARES  
MICAELLA ALBUQUERQUE MARTINS  
PAULO HENRIQUE GOULART  
RUAN VINICIUS COCHELA  
VANESSA HEIDMANN  
VITOR ALVES DE OLIVEIRA  
VITOR AUGUSTO JOENK  
(Discentes do Quinto Semestre do Curso de História da Univille)

**MEDIADORAS**  
ROBERTA BARROS MEIRA  
(Curso de História da UNIVILLE)  
DANIELE CLAUDIA MIRANDA  
(PPGPCS -Univille)  
DILNEY CUNHA  
(AHJ)  
ARSELLE ANDRADE DA FONTOURA  
(AHJ)

**ORGANIZADORES**  
Grupos de pesquisa CANA & Cults  
GT Patrimônio Cultural da ANPUH-SC  
Curso de História e PPGPCS da Univille  
Arquivo Histórico de Joinville

**LOCAL**  
Arquivo Histórico de Joinville

**DATA**  
04 de julho de 2024, às 19h



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville

A Anpuh/SC, nos dias 06 a 09 de agosto de 2024, em parceria com o Departamento de História e Geografia da FURB - Universidade Regional de Blumenau, organizou o XX Encontro Estadual de História. O evento reuniu profissionais de História vinculados ao Ensino Superior, à Educação Básica e a espaços de memória como museus, arquivos, memoriais, entre outros.

O Encontro reafirmou o compromisso da comunidade historiadora catarinense com a defesa da democracia e da diversidade nas sociedades contemporâneas. O evento promoveu espaço para diálogos qualificados acerca dos desafios e dos dilemas do ensino de História em seus diversos níveis educacionais, assim como em defesa do estudo, da pesquisa e da divulgação científica no que tange aos assuntos de História. O trabalho do historiador é um antídoto aos negacionismos disseminados em nossas sociedades. O Encontro se propôs a fazer uma reflexão histórica e historiográfica a respeito de complexas questões que informam o debate da diversidade nas sociedades brasileira e catarinense, sobretudo no âmbito das atividades exercidas pelos profissionais de História. O evento foi um espaço privilegiado de interlocução entre a Anpuh/SC e historiadores (as) que atuam em Santa Catarina, contribuindo para o avanço do conhecimento histórico no estado.



Fonte: Disponível em: [https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=1271](https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1271)



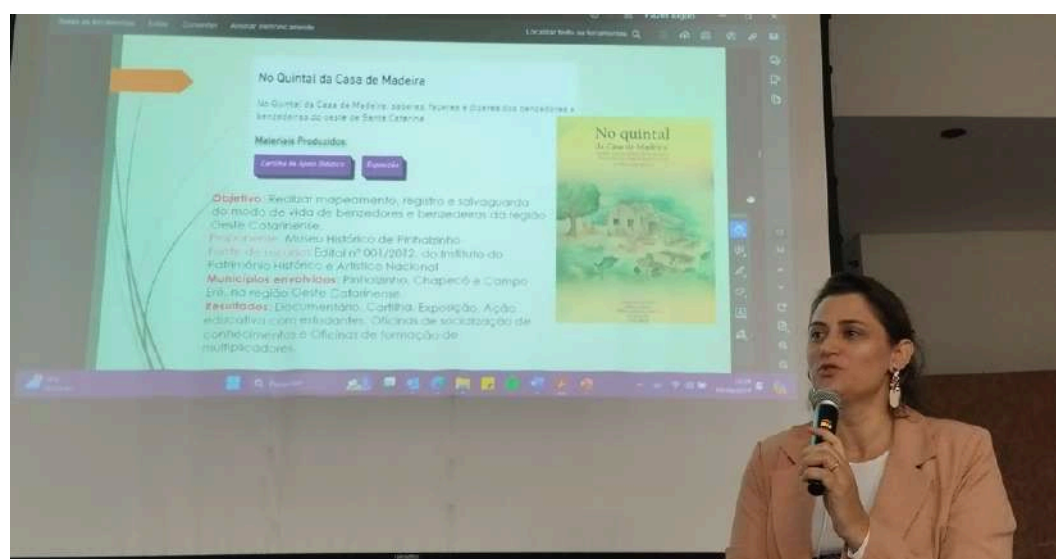
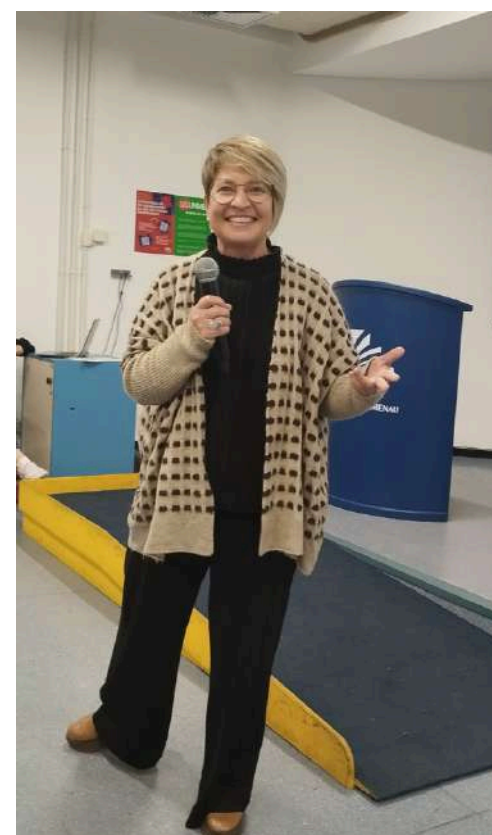
O Grupo de Trabalho, “Patrimônio e História” da Anpuh/SC, organizou entre os dias 6 a 8 de agosto de 2024, o Simpósio Temático “O Patrimônio cultural em disputa: balanços, abordagens e desafios”. A atividade fez parte da programação do XX Encontro Estadual de História e foi coordenado pelas professoras Roberta Barros Meira (Univille), Cibele Dalina Piva (UBEC), Giane Maria de Souza (Arquivo Histórico de Joinville). Ao todo foram 20 apresentações de trabalhos de numerosas instituições de ensino superior, de museus, arquivos e centros de memória do estado de Santa Catarina e de outros estados do país.

O Simpósio compreende o Patrimônio Cultural, como bens materiais e imateriais, cujo reconhecimento, a preservação e a fruição têm importância significativa para os processos que envolvem a memória e as identificações dos indivíduos. O reconhecimento e a valorização desse patrimônio, por sua vez, são feitos a partir das representações que os indivíduos fazem do seu passado e daquilo que os cerca, envoltas em disputas e jogos de poder. Nas últimas décadas, o campo do Patrimônio cultural tem se tornado cada vez mais interdisciplinar, atraindo pesquisadores de diferentes áreas.

A ampliação do campo decorre igualmente dos novos atores sociais que defendem abordagens inovadoras e desafios mais inclusivos, quebrando a hegemonia do patrimônio arquitetônico marcadamente do período colonial e buscando compreender as disputas sociais envoltas nas escolhas patrimoniais. É o caso, por exemplo, do fortalecimento do patrimônio imaterial construído pelas populações tradicionais, assim como o reconhecimento de processos que envolvem: as memórias afetivas, as tecnologias agrícolas e alimentares, as relações ambientais interespecíficas que permeiam o rural e o urbano, as festas e a cultura de resistência, as paisagens literárias, os acervos e arquivos, os espaços educacionais, os saberes femininos, as religiosidades, as instituições científicas, dentre outras questões. Por outro lado, respondendo aos desafios e ameaças presentes no cenário brasileiro nas últimas décadas, buscou-se debater no Simpósio temas de pesquisas que investigam as demandas que instauram movimentos de valorização de patrimônios culturais diversos e inclusivos no contexto pretérito e atual e sua inter-relação com as políticas públicas.

Fonte: Disponível em: [https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=1271](https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1271)





No dia 9 de agosto de 2024 ocorreu a Mesa-redonda organizada pelo GT "Patrimônio e História" da Anpuh/SC GT Patrimônio Cultural: "História e patrimônio cultural em SC - Práticas, possibilidades e desafios". A atividade foi mediada pela professora Roberta Barros Meira (Univille) com palestras das professoras Cibele Dalina Piva (UBEC), Giane Maria de Souza (Arquivo Histórico de Joinville), Daniela Pistorello (Unesc) e Fernanda Ben da Catavento Produções.

Fonte: Disponível em: [https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=1271](https://www.encontro2024.sc.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1271)

### Encontro Nacional de História Oral

Associação Brasileira de História Oral (ABHO) atua com todas, todos e todes que se interessam e/ou atuam no campo de conhecimento da História Oral. O XVII Encontro Nacional de História Oral foi promovido em parceria entre a ABHO e a Universidade da Região de Joinville (Univille), o evento ocorreu entre os dias 03 a 06 de setembro de 2024, em Joinville/SC, tendo como tema “História Oral: trajetórias, movimentos e perspectivas”.

Além de se constituir como um espaço privilegiado para a construção, atualização e aprofundamento de debates sobre aspectos teórico-metodológicos que informam a prática da História Oral no Brasil, o encontro visou tanto abrir quanto ampliar diálogos a respeito de diferentes movimentos e trajetórias de História Oral no país. Trata-se, pois, de um evento que convida a refletir acerca da história da História Oral no Brasil, procurando criar conexões entre espaços, grupos e indivíduos que, em suas regiões, seguiram caminhos mais ou menos próximos – ou alternativos – no fazer da História Oral.

Ademais, o encontro insere-se no conjunto das comemorações alusivas aos 30 anos da ABHO, uma entidade historicamente dedicada à constituição e fortalecimento de redes de cooperação em História Oral, catalisando parcerias e aproximando entre si associados, associadas e demais praticantes desta metodologia.

Texto de boas-vindas aos participantes do encontro.

Disponível em: <https://www.encontro2024.historiaoral.org.br/>



## Faculdade de História da Univille

No dia 30 de setembro de 2024, foi realizada a visita das alunas e alunos do 4º semestre do curso de História, da disciplina História e História Oral e da professora Ilanil Coelho, ao Arquivo Histórico de Joinville para conhecer o Programa de História Oral e realizar pesquisa sobre o bairro Admar Garcia.



Fonte: Franciney Gibson

## Primavera no Arquivo Histórico



Fonte: Dilney Cunha



### **Descrição arquivística**

Clube Joinville. "Vê-se em primeiro plano prédio construído em 1913 pelo arquiteto A. Nicodemus. Foi sede do Clube Joinville. O Clube Joinville foi fundado em 05/02/1905 e teve a sua origem na fusão do Congresso Joinvilense do Clube União Joinvilense e do Clube Republicano. A primeira sede foi instalada no edifício de propriedade do Sr. Otto R. Parucker, situado na Rua do Príncipe, esquina da Rua Jacob Richlin. Logo de início foi constituída uma Comissão para tratar da construção da sede do clube, comissão esta organizada na mesma ocasião do desaparecimento dos grêmios que deram origem à fundação do Clube Joinville. O terreno adquirido para a nova sede pertencia à Loja Maçônica "Amizade sobre o Cruzeiro do Sul". O projeto arquitetônico foi apresentado pelo Sr. Ignácio Bastos. Em 12/09/1912 foi lavrado o contrato de construção do prédio. Em 28/09/1912 o clube mudou sua sede para o prédio municipal na Rua Haltenhoff e no dia 20/10/1912 realizou-se a solenidade de lançamento da pedra fundamental da nova sede. A inauguração da nova sede situada na Rua do Príncipe foi em 05/07/1913, ocasião em que o presidente era o Sr. Ignácio Bastos. Projeto Arquitetônico 1919, nº 16". Em 2003 o proprietário é Simão Renato Günther e abrigava a Papelaria Grillos. Este prédio abriga atualmente [2016] a "Nova Casa Sofia].

### **Sobre o documento**

Clube Joinville. Joinville (SC).1918.1:pb.; 8,5 cm X 14,0 cm. Fotografia. Coleção Memória Iconográfica



**Fonte:** ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. **Catálogo de Fotografias do Arquivo Histórico de Joinville.** Prefeitura Municipal de Joinville; Fundação Cultural de Joinville: Joinville, s/d.

# Aconteceu em Joinville

## Para refletir

### Você conhece o movimento integralista?

### Considerando o mesmo contexto histórico da década de 1930, existiriam semelhanças entre o integralismo, nazismo e fascismo?

### Você sabia que Joinville teve uma prefeito integralista?

### Por que em Santa Catarina o integralismo conseguiu mobilizar muitas pessoas?

# Integralismo

## A marcha do Integralismo

### A instalação de mais um núcleo municipal

PARATY

Em excursão que fez a Paraty, o núcleo de Joinville instalou o núcleo integralista daquela localidade. Durante a solenidade falaram os companheiros Erasmi Basso, Rocha Soares, José Carvalho Ramos e Padre Kolb. Com a instalação de mais este núcleo municipal, quasi todos os municípios da Província já estão trabalhando na implantação da grande Pátria que os integralistas querem construir sobre os escombros da Liberal-democracia agonizante.

**BOM RETIRO**

Oi camisas-verdes de São Grande, município de Bom Retiro, dirigiram-se, em viagem de propaganda, a Figueiredo, onde fundaram um núcleo distrital.

A palavra nova do Integralismo, que está empolgando o Brasil, foi ouvida com grande entusiasmo pela população de Figueiredo tendo-se registrado grande numero de inscrições.

**JOINVILLE — ESTRADA DA ILHA**

O sub-núcleo integralista de Estrada da Ilha, prestou significativa homenagem ao sr. Aristides Lagura, ex-chefe municipal de Joinville.

Fallaram diversos oradores, enaltecendo as qualidades e o dinamismo do homenageado.

**FLORIANOPOLIS**

Realizou-se ontem, mais uma sessão do núcleo desta Capital. Falou com grande entusiasmo o acadêmico Jorge Lizardi, que se despediu dos camisas-verdes de Florianópolis, por ter de partir para Petrópolis e depois para Curitiba onde vai continuar os estudos.

O chefe municipal convidou o núcleo a comparecer ao estabanco da Delegação Catarinense ao Congresso de Petrópolis, no dia 2 de Março.

**PALHOÇA**

Oi integralistas de Palhoça devem comparecer amanhã, tarde na sede do núcleo, a fim de seguirem para Florianópolis, onde vão tomar parte nas homenagens à Delegação Catarinense ao Congresso Integralista de Petrópolis.

A hora do almoço será dada por telephone ao sr. Ewald Basso, chefe municipal.

**Congresso Integralista de Petrópolis**

Convidou-se os integralistas de Florianópolis, a comparecerem ao estabanco da Delegação Catarinense ao Congresso Integralista de Petrópolis, que seguirá pelo Itaipó, amanhã à tarde.

Os municípios de Palhoça, Biguaçu e São José farão o representante.

Fonte: Gazeta de Florianópolis, 22/08/1935.

A GAZETA Florianópolis, 22-2-1935

# Edipo e a Esphinge

Direcção da Rodolpho Rosa (URANO)

## PALAVRAS CRUZADAS

### ENIGMA N. 1 3.º Torneio

**CHAVES:**

HORIZONTAES		VERTICAES	
1 Dito do Estado de Pará	11	1 Interurbano	11
2 Rio de Janeiro	12	2 Ergue	12
3 Pimenta de Gago de Gago	13	3 Pimenta de Gago	13
4 Pimenta de Gago	14	4 Tardio de 10	14
5 Pimenta de Gago	15	5 Pimenta de Gago	15
6 Pimenta de Gago	16	6 Pimenta de Gago	16
7 Pimenta de Gago	17	7 Pimenta de Gago	17
8 Pimenta de Gago	18	8 Pimenta de Gago	18
9 Pimenta de Gago	19	9 Pimenta de Gago	19
10 Pimenta de Gago	20	10 Pimenta de Gago	20
21 Dito	21	21 Pimenta de Gago	21
22 Pimenta de Gago	22	22 Pimenta de Gago	22
23 Pimenta de Gago	23	23 Pimenta de Gago	23
24 Pimenta de Gago	24	24 Pimenta de Gago	24
25 Pimenta de Gago	25	25 Pimenta de Gago	25
26 Pimenta de Gago	26	26 Pimenta de Gago	26
27 Pimenta de Gago	27	27 Pimenta de Gago	27
28 Pimenta de Gago	28	28 Pimenta de Gago	28
29 Pimenta de Gago	29	29 Pimenta de Gago	29
30 Pimenta de Gago	30	30 Pimenta de Gago	30

URANO (A. C. L. B.)

### Torneios de palavras cruzadas

3- Affricano verde — 2  
3- O individuo importante  
do se afflicto — 2

Compre para vos convencer o formidavel e economico SABAO INDIJO

### Contra a lei de Segurança

RIO 27 (G) — O deputado paulista Antonio Covello fallou na Câmara, occupando tor a a hora do expediente, desentendendo, em empolgante oração, contra a lei de Segurança Nacional, sendo vivamente apertado pelos deputados Raul Fernandes e Henrique Bayma. O orador não pôde concluir seu discurso, interrompido para logo.

### A GARAGE AMERICANA

Não atende a qualquer hora do dia ou da noite. Phone. 1.572

### Cartazes do Dia

CENTRAL — Crime de tráfico, 7,30 horas.  
ODEON — Sessão das Sel. 7,30 horas.  
IMPERIAL — All, All, Brasil, 7 e 8,30 horas.  
ROYAL — Bate de Mulheres, 7,30 horas.

### EMPREGO

Para trabalho ex-tremo, procure-se de pessoas activas, na Cidade Mártir Proclamação.

### Instituto dos Comerciantes

A Secretaria da Associação Commercial de Florianópolis pede a publicação da seguinte nota redigida por telegramma da Associação Commercial do Rio Janeiro.

«Decreto 55 attende ao pedido da Federação de Associações Commercial, redigida quota preliminar commercial, unificada em decreto por cento.

### VENDE-SE

1000 metros de tecido. Tratar na Officina XAVIER. Rua Conselheiro Mafra n. 100

Acevo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# Expediente

**Boletim do Arquivo Histórico de Joinville**  
**Vol. XVII, nº 29**  
**julho, agosto e setembro de 2024**

ISSN 14133434

## **Prefeitura de Joinville**

Adriano Bornschein Silva  
**Prefeito**

Rejane Gambin  
**Vice-prefeita**

## **Secretaria de Cultura e Turismo**

Guilherme Augusto Gassenferth  
**Secretário de Cultura e Turismo**

Ana Carolina Maffezzolli Piazero  
**Diretora executiva**

Roberta Meyer Miranda da Veiga  
**Gerente de patrimônio e museus**

## **Arquivo Histórico de Joinville**

Dilney Fermino Cunha  
**Coordenador**

## **Corpo funcional**

Alessandro Moreira  
Amauri de Oliveira Prado  
Ana Rita Uliano da Silva  
Arselle de Andrade da Fontoura  
Ednilson Nilton Cestrem  
Elisangela da Silva  
Fernanda Pirog Oçoski  
Francisco Severino dos Santos  
Gerson Luiz Santana  
Gernilce Lima Barcelar  
Giane Maria de Souza  
Janice Garcia  
Leandro Brier Correia  
Marinês Balin  
Nelson Berndt  
Nathália Cristina Lehm  
Nívea Giovanella Reinert  
Rodrigo Boçoen

## **Boletim do Arquivo Histórico de Joinville**

### **Organização, coordenação, editoração e diagramação do boletim**

Giane Maria de Souza

### **Revisão do Boletim**

Alessandro Moreira  
Giane Maria de Souza  
Nelson Berndt

### **Endereço do AHJ**

Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguazu  
CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329  
E-mail: [arquivohistorico@joinville.sc.gov.br](mailto:arquivohistorico@joinville.sc.gov.br)

Aceitamos críticas, sugestões e envio de propostas, matérias e artigos. Participe!



